

Mercado apostava em juro estável

A crise política criada pela quase renúncia do senador Tião Viana (AC) da liderança do PT no Senado contribuiu para esquentar as discussões em torno do futuro da taxa básica de juros (Selic), a partir da reunião da semana que vem do Comitê de Política Monetária (Copom). O mercado reduziu suas apostas na possibilidade de haver um corte na Selic, de 26,5% a.a., a despeito da maioria dos índices de inflação estarem apontando para baixo.

A descrença do mercado na redução dos juros ficou mais forte depois das declarações do diretor de Política Econômica do Banco Central, Ilan Goldfajn, e do secretário-executivo do Ministério da Fazenda, Bernard Appy. Segundo o diretor do BC, mesmo estando em queda, a inflação ainda não está sob controle. "É preciso serenidade, firmeza e paciência no combate à inflação", afirmou. Para Appy, é grande o risco de repasse de custos para os preços, o que deve ser atacado com rigor. "O nível elevado de inflação ainda preocupa e há uma inércia inflacionária que precisa ser combatida", disse o secretário.

Na avaliação do economista-chefe do Banco Crédit Suisse First Boston, Rodrigo Azevedo, a visão mais cautelosa do governo sobre a inflação e os juros é importante. "Seria prematura

a queda da Selic na próxima reunião do Copom. Os índices de preços ao consumidor estão muito elevados", assinalou. Para ele, mais do que nunca, o Copom e o Banco Central devem dar sinais de autonomia e manter a taxa de juros no patamar atual, para sinalizar de vez ao mercado que estão agindo tecnicamente e não sob pressão política. Nos últimos dias, engrossaram o coro de autoridades do governo a favor do corte da Selic.

Segundo Alexandre Maia, economista-chefe da Gap Asset Management, a tendência de queda dos juros é clara. O problema é a hora certa em reduzir a Selic. "O melhor é que o Copom deixe para diminuir os juros no mês que vem, com mais segurança sobre os indicadores da economia", disse. Na opinião do presidente da Federação das Indústrias de Brasília (Fibra), Antônio

Rocha da Silva, ao não baixar os juros, o Copom estará cedendo ao que ele considera uma "manobra golpista" do mercado financeiro contra a redução das taxas. (VN)